

os treze capítulos do livro e recebem um tratamento original e corajoso. A ousadia com que Hillman lida com essas questões sugere que seu compromisso não é necessariamente com a coerência, mas com a vida. Como se poderia afirmar de um mito: o que importa não é que seja real, mas que seja verdadeiro.

O trabalho da tradução merece uma menção à parte. Estamos diante de uma tradução amorosa. Desse afeto entre autor e tradutores – talvez a única garantia de fidelidade de uma tradução – dá testemunho

a foto que ilustra a orelha do livro. As elaboradas construções e o sofisticado vocabulário do original encontram seu equivalente em português, sem exhibições de erudição, mas conseguindo refletir a ampla e refinada cultura do autor. Neste contexto, são facilmente perdoáveis (mas dificilmente explicáveis) os pequenos deslizes de regência, dos quais a revisão poderia ter cuidado.

Lidia Aratagy é psicóloga, escritora e terapeuta de casais e família.

ALTHUSSER – UMA BIOGRAFIA DO INVISÍVEL

Marian A. L. Dias Ferrari

O futuro dura muito tempo, seguido de *Os fatos*, Louis Althusser. Trad. Rosa Freire d'Águar. São Paulo, Cia. das Letras, 1992, 315pp. (Autobiografias)

Os franceses costumam cultuar seus intelectuais como verdadeiros monumentos nacionais. Louis Althusser, em certa medida não fugiu à regra. Apenas em certa medida, pois após o trágico episódio da morte de sua mulher, Hélène, sua vida pessoal e o culto às suas idéias sofreram um sério abalo. Em *O futuro dura muito tempo* – a primeira publicação póstuma de uma série de inéditos que François Boddart, seu sobrinho, pretende editar –, Althusser discorre sobre a transição sofrida entre a vida pública, o isolamento após o assassinato de Hélène e a imprecisão à qual foi submetido

pelas leis francesas. Mas não é só, e tudo não é tão simples assim. O autor pretende inicialmente explicar as razões pelas quais cometeu o assassinato, buscando “acalmar uma inquietação arriscando-se a outras, indefinidamente”, narrando a cena tal como ele a viu e se propondo a narrar os fatos de sua vida – mais do que isso, a sua memória afetiva dos fatos, nos quais ele se reconhece e se torna Louis Althusser, filósofo, assassino, enfim, um “caraparte”.

A intenção de Althusser é a de libertar-se da condição de ‘impronunciável’ e, no capítulo II, ele faz uma bela análise da

punição a que alguém que perde o direito de ser julgado é submetido, questionando o efeito que tal punição poder trazer. Neste capítulo, ele explica também que embora a ordem cronológica sirva de guia para sua exposição, tal ordem é por vezes alterada, como que sucumbida pelas marcas afetivas de sua memória, que é na verdade a sua busca. Louis Althusser busca mostrar como se construiu Louis Althusser.

Partindo dos dados básicos, 'visíveis', tais como a data de seu nascimento, o local, quem eram seus pais e avós, o autor chega à primeira das várias lembranças que o constituíram: a confusão de seu nome com o nome de um morto, nascendo assim alguém que é atravessado por outro alguém: o homem com quem sua mãe deveria se casar. Daí por diante é uma sucessão abundante de fatos e impressões narrados de modo vivo e veloz. Novos fatos que remetem às primeiras marcas, novas marcas que se formam e se desfazem rapidamente à vista do leitor. Cito como exemplo o significado que Althusser deu à sua captura pelos alemães na Segunda Guerra, a sua admissão na Escola Normal Superior – na qual lecionou e viveu por trinta anos –, e por fim as suas internações. Ele encara todos esses fatos (melhor dizendo, esses lugares), como modos de sentir-se protegido do mundo exterior, aliviado por ter grades e limites que o guardassem. Da mesma maneira ele encara a sua opção pela filosofia e relata o quanto sofreu ao publicar seu primeiro livro, sentindo-se exposto e nu perante todos. Outra passagem interessante refere-se ao sentimento de impostura que ele tinha em relação ao seu papel de estudante/pensador, e de como esse era o modo que ele encontrara para poder existir: atra-

vés da impostura e do roubo do estilo de um outro.

As memórias de Althusser são salpicadas de referências à psicanálise. Ele fala de seu analista, de como ele creu que a não observância a algumas regras fundamentais da análise o auxiliaram a se manter vivo; cita ainda algumas conversas com Lacan e alguns episódios curiosos envolvendo o analista. Porém, o mais marcante é perceber ao longo do texto que este defensor da psicanálise (o autor pode ser apontado como um dos responsáveis diretos da aproximação e aceitação da psicanálise pelos intelectuais de esquerda da França, aliando o materialismo dialético e o inconsciente nas mesmas fileiras) mantém sua posição de vanguarda ao criticar certas práticas psicanalíticas, ao mesmo tempo em que faz de suas memórias um exercício analítico de mais alta qualidade, com uma escuta apurada para aquilo que o marca e o transforma.

Seguindo a mesma linha daquilo que o afeta, o autor discorre ainda sobre a sua filosofia, explicando que caminhos seguiu, que pensadores o levaram até Marx, que outros pensadores o influenciaram (Hegel, Spinoza) e quais os filósofos que ele não leu ou pouco conhece, procurando desfazer assim uma de suas "imposturas". É através desse caminho que Althusser chega até o momento de seu ingresso no Partido Comunista, sua posição dentro deste, a exclusão de Hélène, a sua permanência e as incontáveis reuniões para lidar com as idéias nem sempre condizentes com a cúpula do Partido, que Althusser veiculava em suas aulas e em seus escritos. Neste capítulo do livro, o autor julga ter que 'prestar contas' aos leitores – ávidos por uma 'explicação' – sobre as suas posições teóricas e políticas, onde a vida pessoal e a trajetória profissional

255

se misturam de forma inevitável, fato que talvez pudesse servir como indicador para uma possível resposta ao assassinato de sua mulher.

Por fim, vem a suspeita: estaria Althusser em pleno surto maníaco ao escrever este livro? Afinal, todos os textos foram escritos em poucos meses..., o estilo da escrita é veloz como um jorro de idéias maníacas... Mas, questionar ou mesmo (des)qualificar o texto a partir da psicopatologia tradicional não seria colocar novamente a pedra sepulcral da qual Althusser busca se livrar? Não seria empobrecer um texto e uma vida, re-

duzindo-a a uma nova impronúncia? Ao deixar-se levar pelos afetos e pela escuta do que não se submete à realidade dos olhos, o leitor estará acompanhando o autor ao levantar com muita propriedade a pedra que tampara sua vida. Pena que tenha sido um futuro muito distante, anos após a sua morte...

Marian A. L. Dias Ferrari é psicóloga clínica e mestranda do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

DESCONSTRUINDO A NOÇÃO DE TEMPO

Maria Sylvia Porto Alegre

História e memória, Jacques Le Goff. Trad. Bernardo Leitão et. al., Campinas, Editora da Unicamp, 1990, 556 pp. (Coleções Repertórios)

O encontro entre o novo tempo da *história* e o velho tempo da *memória*. Suas interpenetrações e recorrências, seus paradoxos e ambigüidades. O alargamento do campo do saber e a ameaça de perder-se diante da magnitude do objeto. São esses os temas e os problemas que Jacques Le Goff coloca em discussão nesta coletânea de ensaios, originalmente reunidos para publicação na *Enciclopédia Einaudi*.

Somente um historiador do porte de Le Goff poderia enfrentar o desafio de pensar a relação da história e da memória com o tempo, desconstruindo esses dois conceitos

para recuperá-los de forma crítica, apoiando-se no diálogo entre a ciência histórica e as demais ciências humanas.

O autor parte da gênese do conceito de história para analisar três conflituosos pares de oposição: *Antigo/Moderno*, *Passado/Presente* e *Progresso/Reação*. Nessas categorias dicotomizadas estão contidos os principais elementos do pensamento ocidental sobre a temporalidade, carregados de um etnocentrismo cuja recuperação constitui o objeto central do livro.

Le Goff busca os sentidos da história e da memória valendo-se de uma teoria que